



A HISTÓRIA DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA HISTÓRIA ORAL

Francisco Eric Vale de Sousa¹
Bárbara Mirelle Lima de Jesus²
Yara Rosa Gonçalves Araújo³
Edma Ribeiro Luz⁴

RESUMO

Este estudo realizou um resgate de memórias do Colégio São Francisco visando construir um acervo da Educação Física na escola e na cidade de Pedreiras. O objetivo deste estudo foi descrever a história do Colégio São Francisco e da disciplina de Educação Física apontando a instituição como um *locus* que contribui para o desenvolvimento regional da disciplina em questão como uma forma de construção da historiografia local. A pesquisa ancorou-se na abordagem qualitativa e para tanto realizou entrevistas que foram transcrições e organizadas em categorias, tais informações se tratam a respeito da disciplina de Educação Física e a história da construção da instituição. Este trabalho contribui para a sociedade Pedreirense como meio tornar evidente o significado do colégio em questão além de possibilitar conhecimento para que as futuras gerações de Profissionais de Educação Física venham a conhecer a trajetória da disciplina na cidade e suas mudanças ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Colégio São Francisco; Educação Física; História oral; Memória esportiva.

RESUMEN

Este estudio realizó un rescate de memorias del Colégio São Francisco con el objetivo de construir una colección de Educación Física en la escuela y en la ciudad de Pedreiras. El objetivo de este estudio fue describir la historia del Colégio São Francisco y la disciplina de Educación Física apuntando a la institución como un locus que contribuye al desarrollo regional de la disciplina en cuestión como forma de construcción de la historiografía local. La investigación se ancló en el enfoque cualitativo y, para ello, se realizaron entrevistas que fueron transcritas y organizadas en categorías, dicha información es sobre la disciplina de la Educación Física y la historia de la construcción de la institución. Este trabajo contribuye a la sociedad pedreirense como un medio para hacer evidente el significado de la escuela en cuestión, además de aportar conocimientos para que las futuras generaciones de Profesionales de la Educación Física puedan llegar a conocer la trayectoria de la disciplina en la ciudad y sus cambios a lo largo del tiempo.

Palabras clave: Colégio São Francisco; Educación Física; Historia oral; Memoria deportiva.

ABSTRACT

This study carried out a rescue of memories of Colégio São Francisco aiming to build a collection of Physical Education in the school and in the city of Pedreiras. The aim of this study was to describe the history of Colégio São Francisco and the discipline of Physical Education pointing to the institution as a locus that contributes to the regional development of the discipline in question as a form of construction of local historiography. The research was anchored in the qualitative approach and, for that, it carried out interviews that were transcribed and organized into

¹ Doutorando em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle; Mestre em Educação Física pela UCB. E-mail: ericvale@hotmail.com

² Graduada em Educação Física, Faculdade de Educação São Francisco (FAESF). E-mail: liimabarbara16@gmail.com

³ Graduada em Educação Física, Faculdade de Educação São Francisco (FAESF). E-mail: yaralwva@gmail.com

⁴ Graduação em Letras (UEMA) e Educação Física (FAESF) Especialista em Informática na Educação, Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Atualmente professora substituta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: diluz_19@hotmail.com



categories, such information is about the discipline of Physical Education and the history of the institution's construction. This work contributes to Pedreirense society as a means to make evident the meaning of the school in question, in addition to providing knowledge so that future generations of Physical Education Professionals may come to know the trajectory of the discipline in the city and its changes over time.

Keywords: Colégio São Francisco; Physical Education; Oral history; Sports memory.

INTRODUÇÃO

Contar histórias significa descrever as memórias individuais e/ou coletivas e ao mesmo tempo torná-las significativas. E o significado aqui tratado, atribuímos a conotação de importante. E tudo aquilo que se faz e é importante precisa ser preservado e ao mesmo tempo difundido para que a comunidade perceba o valor e assim haja uma educação de preservação.

Já que se acredita que preservar é sinônimo de conservar e cuidar, dessa forma é necessário cuidar das memórias, elas dizem quem somos e o que nos constitui. Ela é capaz de contar aos demais o passado vivido. E esta é uma das justificativas desse estudo, possibilitar que a comunidade científica que conheça a história do Colégio São Francisco, uma instituição que contribuiu e continua exercendo esse papel na construção da identidade educacional de Pedreiras. E partindo disso, acredita-se na contribuição deste não só para a área educação como para a própria instituição, já que esta não possui seu arquivo próprio e muito menos registros organizados a fim de ser consultada ou apresentada a comunidade.

O objeto de pesquisa é uma escola de educação básica nomeada como Colégio São Francisco, este por sua vez é fruto de um sonho que vai se construindo ao longo da história da professora Aldenora Veloso de Medeiros. É ela a fundadora do que hoje conhecemos como Colégio São Francisco. Esta já quando criança já desenvolvia atividades educativas, ensinando aos seus vizinhos as tarefas escolares. E não demorou muito para que todo o seu bairro a reconhecesse como uma menina esperta e que tinha o dom de ensinar.

É movida pela Fé Cristã que ela enverada caminhos que a levaram até a formação acadêmica, afinal, ser mulher, pobre e negra eram requisitos que poderiam fortemente contribuir para que a menina oriunda do interior da cidade de Pedreiras chegasse a concluir os seus estudos do magistério sem recursos que



a pudesse lhe garantir tanto o ingresso como o término dessa etapa e ainda quem diria que ela conseguiria sonhar em fazer o curso normalista na capital do estado, a grande São Luís. É justamente essa determinação que contribui para que Aldenora, no retorno a Pedreiras, depois de 3 anos longe de sua terra natal, pudesse continuar o que já havia iniciado como reforço escolar em um dos cômodos da casa de sua mãe.

É a partir das aulas de reforço que mais tarde surge o Educandário São Francisco, como inicialmente foi chamado. Este foi o berço e o motivo para que Aldenora continuasse a lecionar na escola do estado, o Palmeirinha e ao mesmo tempo dirigir as atividades da escola que havia fundado. Mas é só com a ajuda do seu esposo, o senhor Raimundo Medeiros, homem branco e com o ofício de alfaiate que estrutura mais ainda a escola que aos poucos começa a ser visualizado na cidade.

É com a soma da renda de professora e com os lucros dos trabalhos de seu esposo, que juntos compram uma moradia de um senhor que desistiu de morar em Pedreiras para voltar para a vida no campo. É esse o primeiro espaço que logo foi ganhando moldes e estruturas de escola. As suas vivências aprendidas na infância, quando era professora de reforço e que aprimora na escola Rui Barbosa, a primeira escola que leciona, e com as atividades aprendidas no magistério no Corrêa de Araújo, o aprendido no curso normalista e as experiências nas escolas do estado, são subsídios que somam e fazem com que o Educandário se torne Colégio São Francisco, ofertando não só Educação Infantil como também até o Ensino Médio.

E assim, essa pesquisa se faz necessária para que as futuras gerações venham conhecer a história do Colégio São Francisco desde a construção da escola até a sua organização didático-pedagógico além da disciplina de Educação Física. E acredita-se que este estudo engrandecerá o acervo da instituição resgatando acontecimentos marcantes ao longo dos anos. Assim, este estudo teve como objetivo descrever a história do Colégio São Francisco e da disciplina de Educação física apontando a instituição como como um *lócus* que contribui para a desenvolvimento regional a disciplina em questão como uma forma de construção da historiografia local.



METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através da história oral, que segundo Silva Selau, Mauricio (2004) esse caminho metodológico se apresenta como trabalho de análise e reflexão sobre a série documental de que dispõe, seja com as fontes orais ou qualquer outro tipo de fonte, e a consequente crítica interna e externa a essas fontes (COSTA, 2019) é que possibilita ao historiador construir seu trabalho historiográfico, ou seja, é a atividade profissional do historiador que cria as condições para a construção de uma história com base nas fontes orais e não a fonte por si só como sugere o termo história oral.

Para tanto, se utilizou de entrevistas com Aldenora Veloso, fundadora e gestora do Colégio São Francisco, estas foram transcritas e organizadas em 05 categorias, sendo: Categoria 1 - *Onde tudo começou e a constituição da escola*, na qual trata do início da escola, como ela surgiu, os primeiros passos para a compra do terreno, a construção do corpo docente e características peculiares da escola. Categoria 2 - *História pessoal e profissional da Professora Nazaré Veloso*, evidencia um pouco sobre a pessoa da primeira professora de educação física, assim como o seu percurso profissional. Categoria 3 - *História pessoal e profissional do professor Pereirão*, também evidencia a vida pessoal do segundo professor de educação física, o seu histórico como jogador profissional, a sua vinda ao Maranhão e suas contribuições para o Município de Pedreiras – Ma. Categoria 4 - *Os Primeiros Professores de Educação Física do Colégio São Francisco*, na qual retrata quem foram os primeiros professores, suas características pessoais e profissionais e as estruturas de suas aulas. Categoria 5 - *A construção da escola e da área esportiva*, conta-se a história de como foi a construção física da escola, o pedreiro responsável assim como construção da área esportiva.

Além disso, foi também utilizada a pesquisa documental, na qual possível acesso a arquivos, registros fotográficos, que contribuiriam para melhor situar os leitores no que foi apresentado.

A pesquisa foi realizada no e do Colégio São Francisco – CSF. Esta instituição pertence à rede particular de ensino, com fins filantrópicos, fica localizado no município de Pedreiras/MA, a 277 quilômetros da capital, São Luís, possui



uma extensão territorial de 534.514 km² e conta com uma população de 39.481 habitantes.

Situado na Rua Abílio Monteiro, nº 1751 – Centro, Pedreiras/MA, o Colégio São Francisco encontra-se numa região onde há estabelecimentos comerciais e bancários e sob o CNPJ: 06.043.988/0001-52.

A escolha por essa escola é por se tratar do primeiro objeto de estudo do Laboratório de História, Memória e Bens Culturais da Faculdade de Educação São Francisco – FAESF, coordenado pelo professor Francisco Eric, que percebe essa instituição como fonte histórica a ser explorada e ao mesmo tempo como forma de documentar a trajetória que a escola construiu ao longo dos seus cinquenta anos de fundação na cidade de Pedreiras – MA.

As coletas de dados foram realizadas por meio de entrevistas dirigidas à diretora e à fundadora da escola a respeito do esporte/aulas de educação física. Assim, as entrevistas foram gravadas por meio de um telefone celular *iphone 8 Plus*: versão do Software 12.4.1; nº modelo: MQ922LL/A; Número de série: F18W435CM4.

ONDE TUDO COMEÇOU E A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA

Aldenora foi educada no seio familiar agrícola e religioso, seus pais professavam a Fé Católica, na qual desde de menina aprendeu hinos da igreja e a rezar o Rosário. Sua rotina como menina da zona rural era em ajudar no que podia aos pais e ao mesmo tempo praticar atividades cristãs, dentre elas a reza diária do Terço.

É essa cultura religiosa que justifica e ao mesmo tempo impulsionou Aldenora a sonhar e a trilhar caminhos que a levaram ao que atualmente possui.

Essa mulher atribui a constituição do atual Colégio São Francisco a uma ação de Deus, visto que ela não havia muitas perspectivas para uma criança que morava no interior a ter sonhos como este.

Ela mesmo relata que:

“A fundação da escola **ela surgiu** é... **pela determinação de Deus**, por que eu nunca pensei, eu, menina lá do interior de vir pra cidade e ser uma professora. Mas Deus coloca na vida da gente o destino, eu acredito muito. **Ele** vai direcionando e ai iniciou” [...] (grifo nosso).



Mas a concretude do colégio possui uma essência, ela se destacava entre os seus vizinhos. Muita esperta aprende a ler e a escrever e começa a instruir todos aqueles da vizinhança nas lições da escola. Esse reforço é levado por Aldenora como uma brincadeira, uma forma colaborar para com os seus pares, como está descrito abaixo:

[...] eu, **aluna mais adiantada que minhas vizinhas/colegas** homens e mulheres e **montei uma brincadeira chamada escola, escola de brincadeira** ai os pais mandavam e eu **ensinava a liçãozinha deles**, e no colégio surgiu efeitos, os professores diziam pros pais: - “olha tá melhorando”, e eles pensavam logo o motivo [...]”(grifo nosso).

A brincadeira possibilitou que Aldenora aprendesse o manejo pedagógico, o que também facilitou o seu desenvolvimento acadêmico. Tanto é que quanto menos imaginava, passou a trabalhar em uma escola “de verdade”, o Instituto Rui Barbosa, na qual assumiu a função de secretária.

[...] e ai eu tive a felicidade **de terminar o meu ensino fundamental**, que naquela época era ... não tinha essa tecnologia. Cheguei ao quinto ano (era ano, como se chamavam as séries), primeiro ano, segundo, terceiro, quarto, quinto e o exame de admissão. **E quando eu cheguei no exame de admissão eu estava já em uma escola chamada instituto Rui Barbosa** onde o professor era excelente, professor Durval Pastor Vidigal. **Ai ele me convidou** sabendo que meu pai não podia fazer muita despesa **ele me convidou para ser secretaria dele**, o que era essa secretaria? Eu sentava perto dele em uma mesinha me dava a caderneta do aluno, ele me entregava e dizia assim: - “bota 8 em português, 8 em matemática” -, era secretaria desse tipo! [...]”(grifo nosso).

É nessa instituição que ela coloca em prática os afazeres didáticos que já tinha aprendido em suas brincadeiras com os vizinhos. O professor Durval Pastor Vidigal a convida para exercer a função de não mais secretaria e sim professora.

[...] Ele vendo o meu comportamento como aluna na participação de aprender ele disse – **“Aldenora no próximo ano eu vou te dar o primeiro ano”**-, ai eu falei: – “professor não tem condição não”, ele disse: - “tem sim”! Ai ele me deu, nesse primeiro ano tinha filhos de pessoas que tinham muita cultura, muito conhecimento, que era filhos dos farmacêuticos da cidade, dos donos de lojas e eu assumi [...]”(grifo nosso).

Aldenora desempenha um bom trabalho, se destaca por fazer com que os seus alunos concluam o ano com uma boa ortografia, leitura e sabendo fazer cálculos. Eram os requisitos básicos que todos deveriam saber.



E novamente ela coloca como inspirada por Deus para a condução das suas atividades. É Ele que a ajuda a fazer os planejamentos mentalmente de todas as tarefas que eram necessárias para que houvesse um bom aprendizado.

[...] E desenvolvi o trabalho no outro ano ele disse: - “agora você vai acompanhar esse trabalho do segundo ano”- e eu dei conta, **trabalhava muito com calculo**, que era que os pais sempre admiravam e admiram porque quem não sabe calcular, o aluno que saia do quinto ano e não sabe calcular, ele não aprendeu nada”. **Se não sabe escrever se ele não tem caligrafia e ortografia, se ele não tem um pensamento logico de criar, é.. se ele não for criativo não aprendeu e eu Deus me dava e me deu e me da essa intuição através do Divino Espírito Santo, a sabedoria de fazer o planejamento** assim, mental conforme o nível dos alunos e isso que aconteceu [...]” (grifo nosso).

Aldenora, não só gosta de ensinar como percebeu que era a sua vocação esse ofício, um presente dado pelo Criador. A sua convicção é tão forte que se desafia a ingressar os estudos do Magistério no Colégio Corrêa de Araújo, constituindo a primeira turma desta instituição do referido curso. E além disso, é nesse processo que ela se torna conhecida entre os pais dos alunos, o que desencadeia também a constituição do colégio, que na época foi denominado Educandário São Francisco, como descrito:

[...] Quando chegou o Ginásio Correia de Araújo em 1859, ele [professor Durval Pastor Vidigal] nos preparou a turma esse nosso professor e nós todos vocês vão passar no vestibular para fazer o ginásio e ai ele se deleitou com todos de manhã e de tarde preparando, e realmente a turma toda foi aprovada. Fo a primeira turma do Correia de Araújo que começou em 1859, **eu fui uma das primeiras** e com a referência sempre ensinando meus vizinhos e com essa referência de ensinar de boca a boca foi feito *marketing* pelos pais, ai criou o **educandário São Francisco, foi minha primeira escolinha** [...]” (grifo nosso).

O nome de Educandário São Francisco foi a primeira escolinha constituída por Aldenora. O nome advém do Santo da Igreja, muito venerado em Pedreiras e em todo o Brasil, considerado o santo da Igreja Católica mais conhecido, e também o nome faz menção ao nome do pai, na qual foi ele que permitiu que Aldenora tivesse um futuro diferente das demais da região. Esse nome homenageia tanto o Santo, como protetor, e a seu pai, o incentivador, como está abaixo:

[...] Por que educandário São Francisco? Educandário foi um nome que deu um amigo meu que gostava muito de mim. Ele disse: - “Aldenora vamos botar educandário porque vem de educação e **Francisco é o nome de um Santo**” ai eu digo: - “**e meu pai é Francisco**, então Educandário São Francisco” [...]” (grifo nosso).



E mesmo com a constituição do Educandário São Francisco, Aldenora sabia que o seu sonho de ser professora ainda precisava de qualificação, o magistério não foi o suficiente, foi então que ela vai morar na capital do estado para iniciar os seus estudos no curso normal (equivalente a graduação atualmente).

“[...] **Eu fui à São Luís, terminar, fazer o curso normal**, naquela época que eram três anos [...]” (grifo nosso).

E quando retorna a Pedreiras, após três anos de curso, já formada, retoma as suas atividades no Educandário São Francisco. As atividades começam a tomar forma escolar, constituindo-se as turmas seguindo as diretrizes educacionais da época, como ela mesmo nos relata:

“[...] quando eu terminei ai eu vim e **reativei o educandário**, ai tive uma clientela excelente, e dai continuamos e em 1970 **nós iniciamos ao primeiro ano ginásial**, em 73 isso é **concluimos o 3º ginásial**, enquanto isso, **vinha a escolinha com jardim**, naquele tempo se chamava assim Jardim de Infância com primeiro ano que era alfabetização, segundo ano, terceiro, quarto e quinto ano. Aí primeiro ginásial, ai segundo, terceiro, quarto e concluiu o primeiro bloco da educação em nível jardim de primeira a quarta série e de primeiro ano ginásial ao quarto ano ginásial” [...] (grifo nosso).

A forma pedagógica como a escola estava sendo conduzida ganhou a visibilidade não só do município de Pedreiras, mas das demais cidades que compõe a região do Médio Mearim. Dessa forma, as demandas aumentavam e com isso o objetivo de oferecer qualidade no ensino a escola investe em formação continuada de professores e inicia a oferta de um outro nível de ensino, o Ensino Médio:

“[...] Ai nessas alturas **a referência estava longe, as cidades vizinhas todas me conheciam por esse motivo, vinham gente de todos os municípios para estudar no colégio**, ai **passou de educandário a colégio são Francisco**. Essa é a primeira etapa da minha caminhada e seguida em 73 surgiu uma pós-graduação chamada... não era pós-graduação não, que era quase dois anos ai nós fomos preparar os professores com essa pós-graduação em português, língua portuguesa e terminando isso, **surgiu a necessidade de um ensino médio que era científico na época** [...]” (grifo nosso).

A constituição do quadro docente foi sendo criada aos poucos e por ex-alunos do Colégio São Francisco. São eles que inicialmente colaboram para a estruturação do Ensino Médio:



[...] Como eu tinha alunos já maduros competentes que tinham concluído o ginásio como a Família dos Pachecos e outros que eu não me lembro, ai tinha outras pessoas que já eram formados, nós criamos o médio que naquela época era científico, ai nós entramos, a escola foi crescendo, as turmas formam sendo feitas e nós continuamos nesse segundo médio né? Que hoje é segundo médio terminou o segundo médio veio a aclamação para um curso superior [...]" (grifo nosso).

Os primeiros professores de Educação Física não foram ex-alunos como das demais disciplinas. A primeira professora possui vínculos efetivos com a fundadora. É importante salientar que no início da constituição da escola, todos os professores amigos e/ou conhecidos da professora Aldenora. A sua escola foi por um certo momento conhecida como a escola de negros, pois na sua maioria estavam ali lecionando e estudando, homens e mulheres negros, além disso também foi fortemente reconhecida como uma escola familiar, na qual quase todos os funcionários possuíam algum tipo de vínculo familiar.

Nazaré Veloso e Pereirão, se distinguem. Nazaré, uma grande amiga de Aldenora e acompanha o seu crescimento e o desenvolvimento do Colégio São Francisco e o Pereirão adentra a escola em um momento na qual Nazaré Veloso precisa se afastar das atividades como docente por motivo de saúde.

HISTÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL DA PROFESSORA NAZARÉ VELOSO

Maria de Nazaré Alves Veloso, ela era casada com Sr. Hermínio Veloso que era contador (*em memória*), atualmente ela é viúva, tiveram três filhos biológicos Hermínio Júnior, Elaine e Herbeth, mas ela criou outras pessoas três meninas, Telma, Heloisa e, por fim, a Mariane ao todo eles são seis tendo outras pessoas que ela também ajudou, que ela criou.

Iniciou sua carreira como professora normalista trabalhou no Colégio São Francisco também foi Diretora do Colégio Bandeirante (atual Colégio Oscar Galvão) foi diretora Regional de Educação – URE na Regional de Educação de Pedreiras, foi professora de Educação Física no Colégio Olindina Nunes Freire e professora de Educação Física no Colégio São Francisco ela é uma educadora de nome e de respeito sempre muito dedicada à causa da educação.

Maria de Nazaré Alves Veloso marcou sua trajetória na educação como professora de Educação Física. Como gestora sempre muito firme e determinada



naquilo que faz. Ela era professora concursada no Olindina e fez pedagogia na primeira turma que abriu na Faculdade de Educação São Francisco – FAESF.

HISTÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL DO PROFESSOR PEREIRÃO

Pereirão, apesar de não ser Pedreirense de registro, escolheu a Cidade de Pedreiras – MA para reconstruir a sua vida após o afastamento como jogador profissional de futebol. Assumiu na cidade a posição de professor de Educação Física do Colégio São Francisco, Centro Educacional Corrêa de Araújo e Centro de Ensino Oscar Galvão e, além disso, tomou para si a responsabilidade como incentivador esportista. Sua dedicação poder ser impressa na fala da comunidade esportista da sua época. Homens e mulheres que juntamente com ele trabalharam para que o esporte municipal se desenvolvesse.

Nas escolas praticava atividades de resistência física como caminhadas, corridas, exercícios corporais, atividades essas que aconteciam bem no início do dia, por volta das 5h:00 (cinco) horas da manhã. As turmas eram organizadas por sexo, tendo as meninas o incentivo a prática do queimado e os meninos o futebol/futsal. Era um homem negro com uma altura intimidadora, mas com um sorriso e uma paixão esportiva que consegui aproximar tantas gentes. O seu compromisso com a Educação Física era levado a sério tendo como resultado faltas mínimas em seus espaços de trabalho e ainda se desafiava a trabalhar mesmo doente. Não permitia que as aulas de Educação Física tivessem paralisação por ele está enfermo.

Além disso, também se destacou no município na participação direta nos Jogos Escolares Pedreirense – JEP's. Não só incentivou os tantos meninos e meninas que se destacava no esporte como também os treinava para alacarem êxito nas competições. Nas aberturas dos Jogos Escolares Pedreirense – JEP's sempre tomava a palavra para expressar o seu apresso em contribuir, mas também para dizer aos competidores que o mais importante daquele evento era a participação e compromisso com o esporte que cada um assumiu naquele momento. E era marco em todos os anos ele acender a pira olímpica, ele por ser um símbolo esportivo.



OS PRIMEIROS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO

A primeira professora de Educação Física do Colégio São Francisco foi a professora Nazaré Veloso, como consta abaixo:

“[...] No começo nós já tínhamos o espaço pequeno, mas não com esses detalhes que eu já falei de pista, de gramado. A primeira professora de Educação física que foi **Nazaré Veloso** [...]” (grifo nosso).

As aulas aconteciam na própria escola, mesmo a instituição não possuindo um espaço específico para tal. Estas aconteciam pela manhã bem cedo. Iniciava com o conto do hino nacional, uma prática diária nas aulas.

“[...] ela tinha o dom, ela gostava do que fazia, era **5 horas da manhã** essa educação física, que naquele tempo o povo ainda respeitava o próximo, os pais não se preocupavam, por que sabia que [os alunos] saía e voltava direitinho [...]” (grifo nosso).

“[...] no pátio, lá atrás já tinha área, uma área simples cantava o hino nacional com muito respeito mão no coração, mão direita no coração muito firme e elegante [...]”.

A professora Nazaré Veloso possui características peculiares de sua época. Tratava suas atividades com firmeza, autoridade e regras peculiares, como descreve abaixo:

“[...] **Ela era muito rígida, mas para organizar e fazer um trabalho de qualidade**, os meninos tinham que ir para aulas, bem vestidos. Não entravam sem farda, sem a sapatilha, o tênis, sem a meia, bem penteado e bem arrumado, se não fosse, ela não deixava participar [das aulas]. Antes ela iniciava com o hino nacional [...]” (grifo nosso).

“[...] Nazaré era aquela **professora dura, séria** que gostava muito de fazer atividades físicas. **Ela estudava muito**, fazia jogos, danças, certo? Ela pesquisava para dar as aulas, mas era aquela professora dura, que todo mundo temia e dava aula contra turno, as aulas eram bem cedinho, os meninos iam bem cedo [...]” (grifo nosso).

As aulas contavam com atividades corporais, utilizando o corpo para a localização espacial, saltos e brincadeiras como descrito abaixo:

“[...] aí terminava e ela tinha o programa dela que naquele tempo era, tinha, **era mais corporal, assim tinha saltos, tinha corridas pequenas, tinha direito fazia a localização do norte, sul, leste e oeste**. certo? **Era o básico** que era necessário para que os alunos soubessem que a pátria tinha que ser respeitada. Foi uma pessoa que contribuiu por muito tempo [...]” (grifo nosso).



Com o passar do tempo, a professora Nazaré Veloso, por problemas de saúde teve que se afastar das atividades docentes. Mas a sua preocupação com a escola era tamanha que fez questão de ir à procura de um substituo para assumir as aulas de educação. É nesse contexto que a professora Nazareá apresenta a diretora, Aldenora Veloso, o senhor Pereirão, um ex jogador de futebol, que exercia na cidade atividades esportivas.

“[...] Pereirão que foi indicado por ela [Nazaré Veloso], ele era presidente do campo [...]”.

“[...] ele trabalhava ali [no campo] era técnico de um time, ai ela [Nazaré Veloso] disse pra mim, Aldenora eu não posso continuar por motivo de saúde, mas eu vou indicar o professor [...]”.

O professor Antonio Pereira, mas conhecido como Pereirão possui traços de um verdadeiro carioca, muito sorridente, trata todos ao seu redor com educação e atenção. Aldenora descreve o primeiro contato que teve com o Pereirão:

“[...] ai ela veio com Pereirão **todo sorridente**, muito educado, também muito preparado [...]” (grifo nosso).

“[...] Pereirão **era um negro alto muito simpático** um carioca que chegava assim e falava todo...era aquele (bonachão) uma pessoa muito boa, todo mundo gostava dele, **também dava as aulas no contra turno, trabalhando sempre a questão dos esportes** e alguns exercícios tá e como profissionais eram duas pessoas respeitadas, ele por que tinha vindo do Rio de Janeiro, tinha toda aquela coisa, ele era mesmo todo (boa braça) [...]”(grifo nosso).

Ao contrário da professora Nazaré Veloso, o professor Pereirão desenvolvia atividades referente a prática esportiva. O início das aulas ainda se cantava o hino nacional. O futebol, a sua especialidade, era uma das principais atividades desenvolvidas, assim como os jogos de queimada, como descrito abaixo:

[...] Já ele fazia um trabalho **mas voltado para o futebol**, preparava os meninos, tinha **aquele momento de cantar o hino**, mas era mais futebol, preparava os meninos para a disputas pra ganhar mesmo, ai tinha corrida também, que era normal, tinha salto também que era normal do trabalho dele, e foi até o dia que ele não pôde mais [...]” (grifo nosso).

Os horários de educação física eram distintos para meninos e meninas:

“[...] ai ficou mais tarde. (...) Os meninos que estudavam de tarde vinham 7 horas da manhã, e quem estudava de manhã vinha de tarde depois das 4 horas [...]”.

“[...] cada um no seu horário, os meninos que eram mais dispostos ficavam no horário deles e as meninas como era mais pular corda, era queimado ai vinha no horário diferente porque eles não gostavam que tinham vontades diferentes [...]”.



O primeiro espaço destinado para as práticas corporais da educação física era o pátio da escola e com o passar dos anos e com o ingresso do professor Pereirão, as aulas de Educação Física ganham novos rumos seguindo uma linha esportiva. É a partir daí que a escola passa a utilizar e modificar os seus espaços para a educação física. A quadra passa a ser adaptada para diversos esportes e o campo de futebol passa a ser utilizado pela comunidade escolar e comunidade externa.

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA E DA ÁREA ESPORTIVA

Aldenora continua afirmando que todos os acontecimentos para a constituição da escola é obra Divina. E é nessa fé que ela e o seu esposo, Raimundo Medeiros, somam as suas economias para comprar o primeiro espaço destinado para a construção do Colégio São Francisco, como ela mesmo relata:

“[...] **Compramos uma casa de um morador**, que trouxe [...] ele trouxe os filhos para estudar em Pedreiras, mas os meninos não se adaptaram, ai eles voltaram pro Olho D’agua do Tobatino, que era lá que ele morava. E nós [Aldenora e Raimundo] compramos. **Compramos assim, eu já trabalhava, já era casada, meu marido tinha uma oficina de alfaiate**, que naquele tempo era top, não tinha malharia, não tinha nada, quer dizer que o alfaiate era ele quem mandava. Ele fazia ternos, fazia calça de todos os modelos os modelos e tudo. Então o meu marido e eu fomos trabalhando, compramos o *localzim* e fomos trabalhando. No decorrer do tempo as coisas foram acontecendo, **ai Deus direcionou** e direcionou e vai direcionar, porque nada é por acaso, e a determinação é divina [...]”.

E depois da conquista da compra do terreno para a construção da escola, o passo seguinte foi a terra o espaço e para isso contou com a colaboração de um pai de aluno chamado de Bombilha é ele que inicia esse processo em troca da oferta dos serviços educacionais.

“[...] Não, não tínhamos condições! **Fomos trabalhando e assim no final do mês ele tinha um dinheiro e nos tínhamos um amigo, que já com Deus**, chamado **Bombilha** que era da prefeitura. Ele tinha cinco filhos, e nós precisávamos aterrar esse local e um dia eu conversei com ele, eles estudavam aqui. Aí fiz uma proposta a ele: - “Bombilha vamos fazer um negocio? Tu aterra isso aqui e eu ensino teus filhos, tu não vai pagar nada”. **Aí ele trabalhava de noite fora do horário da prefeitura e aterrou tudo, foi o primeiro passo**. Depois de aterrado, **Jesus Cristo** mandou o pedreiro, lá de Pinheiro - MA morar em Pedreiras [...]”.



Já o pedreiro, o responsável por construir a escola é um jogador de advinha de Pinheiro – Ma, ela mesmo narra como encontrou este que passou a ser um grande amigo da família e entrelaçando laços como compadres:

[...] É no cinquentenário [da cidade de Pedreiras – MA] ele [o pedreiro] jogava e o meu marido no cinquentenário tinha um time do Palmeiras e nós íamos assistir o jogo do Palmeiras, eu e meu marido. E lá eles se encontraram [Raimundo e o pedreiro], aí bateram um papo, aí ele disse que era pedreiro aí meu marido convidou ele para fazer uma calçada, aí ele fez, aí o Medeiros perguntou: - **“tu tem coragem de fazer o começo de uma escola?”** Ai ele [pedreiro] falou: -**“tenho sim!”** [...].

A construção da escola inicia dos fundos para frente, estilo Bandeirante e foi desenhada por um engenheiro pago pelo irmão de Aldenora como descrito abaixo:

[...] **Aí começamos do fundo, mas como meu irmão tinha condição, assim muita amizade trouxe um engenheiro para olhar o terreno e fazer a planta. Naquele tempo era modelo Bandeirante as escolas**, do jeito dessa aqui, aí a parte de sala, aí os banheiros, tudo no estilo bandeirante, que era o estilo que começamos pelos fundos. **Fizemos os banheiros, uma secretaria, que só cabia uma mesa e uma cadeira, a cantina**, eu era aquela que tá ali, fizemos a área coberta tudo com dinheiro do nosso serviço principalmente dele que ele nunca quis saber quanto eu ganhava meu marido era assim. Quando eu dizia: -“Medeiros quando tu tiveres necessidade eu tenho dinheiro do meu serviço”. – “não mulher guarda aí se eu precisar eu te peço” e nunca me pediu até hoje [...]”.

Os materiais para a construção da escola advinham na sua maioria do esposo de Aldenora, o senhor Raimundo Medeiros, o seu ofício de alfaiate demandava muitos trabalhos e entrava mais renda, foi a partir desses esforços que aos poucos o casal foram comprando os materiais que a obra necessitava:

[...] aí ele ia pra feira, **apareceu umas feiras nos municípios ele como alfaiate cortava** e botava os outros para fazer, fazia farda e ia todo sábado nos municípios vender, chegava na época, vamos com duzentos reais que naquele tempo era cruzeiro, aí compra pano, passava os meninos que vendiam, cortava e fazia de novo e o saldo aplicava, **comprava material, aí comprava tijolo, comprava pedra e ia encostando aí quando tinha bastante material aí o Pinheiro começou a fazer as salas, aí fizeram quarto, aí fizeram seis colunas deixando continuação para as próximas salas, aí fizemos o acabamento, banheiro de qualidade, uma cantina bonita, secretaria apertadinha mas dava pra atender as pessoas, aí com dinheiro do trabalho construímos**. Mas não tem dinheiro de prefeitura aí, é de poder público, só dos meus queridos clientes, quem construiu isso aí, não foi eu nem ele, foram os nossos clientes do passado, do presente e quem sabe do futuro [...]”.



Já a quadra poliesportiva ela surge da necessidade da escola. O pátio, antes um lugar destinado para o intervalo e para as atividades corporais se torna um ambiente pequeno e desproporcional para as práticas da educação física e é nesse momento que tomamos a decisão de nos desfazermos do pequeno sítio que tinha atrás da escola para construirmos a quadra poliesportiva.

“[...] La na quadra, naquele espaço, **era um sitio tinha todo tipo de frutas**, que quando foi demolido, eu fiquei triste, por que eu gosto muito de verde, mas como era para uma finalidade profissional ai foi demolido, depois foi aterrado que ali sempre foi assim meio úmido, foi a terraplanado porque tinha um morro e depois de terraplanado foi gramado [...]”.

Ao longo do tempo a quadra de esporte foi se tornando poliesportiva, visto a prática de demais esportes na escola e até mesmo tentando atender as demandas atuais, como pode ser observada na imagem abaixo:

Além da construção da quadra, foi também organizado um campo para a prática de futebol como descrito abaixo:

“[...] Aquele gramado foi por muitos anos pasto e quando os bois e cavalos não estavam por aqui era campo de futebol. Havia muitas arvores de mangas ali. Me lembro bem que o campo era grande, vinham muitos meninos jogarem bola aqui. O campo era o lugar de diversão para os nossos alunos. Tinha duas traves brancas, muito grandes. Eram ali que se faziam o gol's. E também foi feito com o passar dos anos os muros para proteger a escola [...]”.

Mas foi com o passar dos anos que a área esportiva do Colégio passa por ampliação como descrito abaixo:

“[...] A outras partes esportivas que temos hoje no colégio foram construídas por causa do Curso de Educação Física da Faculdade. Como esse espaço também é para que os alunos de lá utilizem, resolvemos ampliar as instalações aqui mesmo. Aí diminuimos o campo de futebol, ele ficou mais pequeno [...]”.

[...] E na mesma época também foi organizada uma pista para fazer caminhadas e as atividades do curso como também a construção de quadra de areia pra meninada brincar [...].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o sonho de uma professora interiorana, residente de Pedreiras – MA, que foi construído ao longo de sua história, iniciando-se a partir de colaboração gratuita e voluntária aos seus vizinhos nas tarefas escolares, edifica-se a sua vocação à docência. E junto com esse sonho o anseio de oferecer



a comunidade mais do que o sistema educacional da época oferecia. É a junção de tudo isso que o Colégio São Francisco se funda. Antes mesmo de ser uma instituição com características do sistema privado, a instituição é uma responsabilidade social, um ambiente com o fim de contribuir de forma significativa para a comunidade Pedreirense.

É também nesse cenário educativo que a disciplina de Educação Física se consolida iniciada por uma professora na qual tinha como requisito apenas o magistério e que assume a disciplina com dedicação, proporcionando a comunidade escolar o acesso as práticas corporais, iniciada no pátio escolar e que ao longo da história esta se afasta das atividades do Colégio São Francisco, apresentando o professor Pereirão como o seu substituo. É com esse professor que a disciplina se amplia, oferecendo assim práticas esportivas. É também nesse momento que há a constituição do campo de futebol.

A história contada nesse estudo pode ter sido contada de forma romântica, mas é justamente esse o objetivo, demonstrar aos leitores que a educação, especificamente a educação física é uma área linda e diga-se de passagem, essencial para o contexto educacional. E contar a história dessa disciplina no Colégio São Francisco, se torna ainda mais linda, visto que admiramos a história de vida da professora Aldenora, a fundadora e gestora da escola e mais ainda da forma como a disciplina de educação física foi tratada nessa escola.

Se inicia com um convite a professora Nazaré Veloso, a pioneira, que possibilita os primeiros passos da Educação Física e o alargamento que o Pereirão possibilitou ao longo dos anos. Ambos, são importantes para que a educação física conquistasse espaços e sentindo na vida de muitos estudantes. Este trabalho ainda contribui para a sociedade Pedreirense como meio de conhecimento para que as futuras gerações de profissionais de educação física de Pedreiras venham a conhecer a trajetória da disciplina na cidade e as suas mudanças sofridas ao longo do tempo. E ajuda a construir parte de um acervo sobre o colégio São Francisco.

A pesquisa teve resultados satisfatórios aos pesquisadores que tinham como objetivo investigar e relatar as modificações ao longo dos anos na escola e na disciplina, e observar as modificações didático-pedagógicas. Essa pesquisa também abrirá portas aos alunos para que possam ter a curiosidade de pesquisar a história do ambiente que estão inseridos, que no caso o colégio, visto que



a mesma retrata apenas a história dos primeiros 50 anos, e ainda tem muito a ser vivido e modificado, fazendo com que o avanço científico da cidade acerca do patrimônio cultural da mesma seja retratado e preservado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Samara Moura Barreto de; MONTE, Thaidys da Conceição Lima; VIEIRA, Antônia Edwrigens Almeida; SANTOS, Maria Silvania Freitas dos; BARROSO, Mateus Lemos; FERREIRA, Eliane Maria Sousa. Lembranças do meu tempo de bola: memória dos esportes nas aulas de educação física escolar. **Co-leção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 13, n. 1, p. 103-110, 2014.

COSTA, Júlio Resende. A história oral como fonte na história da educação. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 28080-28089, nov. 2019.

PPP – **Projeto Político Pedagógico**. Colégio São Francisco – CSF, 2017.

SELAU, Maurício da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. Esboços: **Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004.